



JORNALISMO ESPECIALIZADO

A segmentação em busca da seletividade: uma proposta

**Marli Hatje*

Inicia-se esta reflexão questionando sobre o número de universidades brasileiras que têm seu currículo do curso de Comunicação Social - habilitação em jornalismo - a disciplina chamada jornalismo especializado. A preocupação tem por pressuposto básico a tendência de uma segmentação dos meios de comunicação (Revista Imprensa, agosto:1993) e a necessidade de levar ao público, seja ele leitor, telespectador ou ouvinte, uma informação que privilegia produtividade, racionalidade e além disso, qualidade. Esta necessidade encontra respaldo no atual modelo de sociedade em que esta inserido o receptor da informação. É um paradigma competitivo e o tempo - cada vez mais restrito - é um fator determinante na aquisição do conhecimento, da informação.

Acompanhar e atentar para as tendências acima expostas parece ter fundamental importância tanto para as universidades quanto para os veículos de comunicação e os jornalistas que neles trabalham. As universidades porque colocam mão-de-obra no mercado de trabalho, os veículos de comunicação porque absorvem parte desta oferta, e os jornalistas porque procuram executar na prática parte daquilo que vivenciaram dentro da universidade.

Diante da possibilidade de uma segmentação dos meios de comunicação no País, o trinômio acima exposto deve considerar a necessidade e a vontade do público em consumir uma informação cada vez mais especializada e seletiva. E isso já remete a uma discussão sobre a importância do jornalismo especializado dentro dos currículos de Comunicação Social. O ecletismo dos profissionais é, sem dúvida alguma, indispensável porque um profissional de qualquer área, mas especialmente o da comunicação, deve ter uma visão histórico-político-social-filosófica,

* Mestranda em Ciência do Movimento Humano - linha de pesquisa Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física da UFSM/RS - especialização em Teoria do Jornalismo e Comunicação de Massa PUC/RS, Jornalista e professora de Educação Física.

ou seja, deve ter uma sólida cultura humanista além de leitura diversificada, mas isto é apenas uma parte de sua formação.

As universidades se propõem a formar profissionais para o mercado de trabalho. Diz-se, com raras exceções, que elas estão empenhadas em formar especialistas em generalidades, porque o mercado ainda absorve esta mão-de-obra, e a necessidade por um emprego geralmente leva o profissional a abraçar a primeira oportunidade que surge independente do setor.

Mas, a realidade é que o mercado e o público começam a exigir uma informação moldada para os jovens, para a economia, para o esporte, para a política... A tendência é que o caráter coletivo dado a informação perderá força em prol do caráter seletivo, satisfazendo um mercado consumidor mais específico. E isto exige preparo e aperfeiçoamento do profissional dentro e fora da universidade.

É nesse contexto que entra o papel da universidade que deveria ser o de oferecer ao acadêmico uma especialidade já em nível de graduação, seja ela econômica, política, cultural, social ou esportiva, como forma de aprimorar-se e adequar-se a um mercado de trabalho que está em vias de segmentação. Estenderia igualmente seu papel na promoção de cursos de especialização e/ou aperfeiçoamento e em programa de pós-graduação (mestrado e doutorado). Cita-se como exemplo o Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano do Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Santa Maria/RS que oferece uma linha de pesquisa denominada **Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**".

Juarez Bahia (1990), quando esquematiza o jornalismo especializado afirma que o que especializa é a forma de aplicação do conhecimento e, desse modo, quanto mais preciso e amplo for o tratamento dado a um assunto técnico melhor será o resultado. E isso parece ser uma necessidade do momento ao qual ainda não foi dado o devido valor pelas entidades competentes.

A fim de ilustrar o setor especializado, destaca-se o ensaio "As responsabilidades jornalistas" (1975) dirigido aos jornalistas esportivos da França, cujo teor é o estudo e a discussão mais detalhada sobre a atuação dos profissionais de um setor do jornalismo, isto é, o esportivo.

O referido ensaio denominado de **Documento Branco**, defende que as exigências do jornalismo moderno tornaram caducas as idéias antigas relativas aos jornalistas especializados na área esportiva. Isto quer dizer que não é mais necessário ser primeiro um desportista, para depois ser um jornalista. O jornalista pode, pois, ser um profissional egresso de cursos e estágios com uma sólida cultura para satisfazer um público cada vez mais

exigente.

Com isso, pode-se observar que o setor de esporte de um veículo de comunicação já não tem mais o mesmo significado de antigamente quando, como escreveu o cronista Armando Nogueira (apud AMARAL, 1982), este setor era visto **como espécie de refúgio das vocações frustradas do jornalismo para onde era despachado quem não fosse razoavelmente dotado para ocupar uma banca de redação, quem não tivesse o mínimo lastro intelectual para exercer a reportagem geral.**

Atualmente já não basta mais amar o desporto e compreender-se o interesse vital que este tem na formação do homem para ser jornalista do desporto. É preciso, antes de mais nada, e isto também vale para as outras especialidades, ter consciência de que a informação transmitida deveria influenciar comportamentos tanto em nível individual quanto coletivo. Esta questão deveria ser analisada sob um enfoque mais amplo e por todos os profissionais que estudam e tratam da informação.

Um jornalista especializado é, antes de mais, um jornalista entre todos os outros. Ele torna-se um jornalista diferente quando adquire um caráter seletivo, restringindo o âmbito do assunto. Este parece ser o profissional cada vez mais adequado ao futuro dos meios de comunicação a caminho da segmentação. É este o profissional que, dirigindo a cobertura de determinados assuntos em função de certos públicos, poderá dar à notícia um caráter específico. Sendo especialista em determinada área, o jornalista estará cada vez mais qualificado para tratar e oferecer qualidade ao seu leitor, telespectador ou ouvinte.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - AMARAL, Luiz. **Jornalismo matéria de primeira página**. Rio de Janeiro/Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1982.
- 2 - BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.
- 3 - _____. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.
- 4 - Documento Branco. **As responsabilidades dos jornalistas**. França, 1975 - ensaio.
- 5 - REVISTA Imprensa, n. 71, Ano VI, agosto de 93.